



O JORNAL NACIONAL DO SÉCULO XXI: MUDANÇA, ESTILO E NORMA

GABRIEL CATANI

ORIENTADORA: PROFA. DRA. LIVIA OUSHIRO

Resumo

Esse projeto foi idealizado tendo em vista a publicação de [Castilho, Garcia e Almeida \(2015\)](#), na qual se discutiu um projeto de modificação no modo de falar do Jornal Nacional (JN), que estaria em curso. O chamado Projeto de Língua Falada foi iniciado em 2009 e aprovado para toda a central de jornalismo da Rede Globo em 2015. Um de seus objetivos seria o de promover o uso de formas linguísticas tidas como mais coloquiais nas transmissões. Além disso, a escolha do Jornal Nacional como objeto de pesquisa é fruto de um discurso recorrente, no qual se afirma que o português falado no programa pode ser considerado “padrão”.

Assim, esta pesquisa buscou compreender elementos em variação na fala telejornalística, representada por William Bonner, bem como os possíveis efeitos do Projeto de Língua Falada nas formas linguísticas utilizadas pelo âncora.

A pesquisa foi realizada considerando a proposta da sociolinguística variacionista ([Labov, 2008 \[1972\]](#)), compreendendo que a variação faz parte do sistema linguístico e que através da sua observação sistemática, é possível depreender padrões e compreender seu funcionamento. No entanto, buscou-se privilegiar o uso de métodos mais recentes para a realização do projeto, analisando, com auxílio de ferramentas computacionais, a fala de um único sujeito em uma situação formal e monitorada, sem a realização de entrevistas sociolinguísticas.

Os objetivos desta pesquisa, tais como definidos no projeto, foram (i) organizar um corpus de edições do JN entre os anos 2000 e 2019; (ii) realizar análises qualitativas sobre o corpus, com vistas a identificar fenômenos em variação; (iii) definir um conjunto de variáveis sociolinguísticas a ser analisado futuramente; (iv) realizar análises quantitativas preliminares, correlacionando as variáveis selecionadas a variáveis linguísticas e estilísticas, como as editoriais.

Pode-se afirmar que a principal contribuição desta pesquisa foi o desenvolvimento de um *corpus* estruturado do português telejornalístico no século XXI, tornando possível a comparação entre essa modalidade de fala mais formal e prestigiada, com outros *corpora* de língua falada culta e popular. A partir do *corpus*, foi feita uma análise qualitativa, da qual se levantaram, como fenômenos linguísticos em variação na fala de Bonner, as variáveis /-r/, /-s/, o uso dos verbos “ter” e “haver” com sentido existencial, colocação de clíticos e fenômenos prosódicos.

Após a constituição do corpus, foram controladas variáveis linguísticas e não linguísticas, com vistas a observar os comportamento do segmento /r/ em coda,

em palavras como *força* e *mar*. Um dos resultados observados foi que há diferença significativa entre os períodos pré e pós Projeto de Língua Falada, indicando o papel importante das instruções normativas dentro dos telejornais, que ao modificar a variedade falada no programa, gera mudanças no padrão não oficial da língua falada.

O corpus, batizado de JN21, foi composto por 50 edições do Jornal Nacional, entre 2000 e 2019. Junto com a transcrição da fala de Bonner, foram anotados os trechos do jornal na qual a fala ocorreu. Posteriormente, foram classificadas as editorias do jornal, que podem ser entendidas como a divisão temática das matérias apresentadas, como política, economia, esportes etc.

Em seguida, com o auxílio de *scripts* em linguagem R (Hornik, 2018; Oushiro, 2014), foram anotadas todas as realizações de /r/ em coda. Essas observações foram ouvidas e codificadas em três categorias principais: Fricativa Velar, Fricativa Glotal e Apagamento. Do total anotado, foram retiradas as ocorrências duvidosas (menos de 3% dos casos), restando 2.966 ocorrências.

Também foram marcadas e codificadas todas as ocorrências dos verbos “ter”, “haver” e “existir” com sentido existencial. Essa variável, no entanto, ainda está em processo de análise.

Os dados codificados foram extraídos em uma planilha, na qual os itens lexicais com ocorrências de /-r/, bem como o seu contextos precedentes e seguintes, foram transcritos fonologicamente, utilizando o *script* “silac” (Oushiro, 2018). Assim, foi possível realizar a codificação automática da posição do /-r/ nos itens lexicais (medial ou final), a tonicidade da palavra (átona ou tônica), o contexto fônico precedente (vogais a, e, ε, i, o, ɔ, u) e seguinte (consoante ou pausa). A variável classe morfológica das palavras contendo /-r/ foi anotada manualmente, e o ano de exibição das edições também foi controlado.

Finalmente, foram realizadas análises estatísticas através da linguagem R (R Core Team, 2020), buscando potenciais correlações entre as variáveis codificadas.

De um total de 2.966 observações, observaram-se 567 (19,1%) realizações de fricativa velar (/x/), 2.266 (76,4%) realizações de fricativa glotal (/h/) e 133 (4,5%) apagamentos (/∅/).

Observou-se grande variabilidade nas realizações de /-r/ como um todo. No ano de 2005, por exemplo, a média de realizações velares foi de 31,6%, enquanto em 2013, a média foi menor que 7%. Viu-se também, um claro aumento nos apagamentos a partir de 2009.

Na variável trecho, percebeu-se a virtual ausência de apagamentos nas escaladas e nos encerramentos do programa, momentos que podem ser vistos como de maior monitoramento e formalidade.

Foram analisados os contextos fonológicos imediatamente precedentes e seguintes às ocorrências de /-r/. Observou-se diferença significativa na proporção de realizações da variável dependente entre vogais anteriores (i, e, ε, a) e posteriores (u, o, ɔ). Quando precedido por vogais anteriores, há uma maior tendência tanto de realizações velares quanto de apagamentos.

No contexto seguinte, observou-se que as oclusivas vozeadas pareciam se comportar de maneira distinta das não-vozeadas, apresentando maior incidência de velares. Foram, então, estabelecidas categorias abarcando esses grupos consonantais e constatou-se diferença significativa. As realizações seguidas de pausas também mostraram maior incidência de realizações velares e de apagamentos, em relação às

realizações com contexto seguinte consonantal.

De acordo com a literatura prévia, o apagamento de /-r/ seria mais frequente em verbos do que em outras classes de palavras. De acordo com [Serra e Callou \(2013\)](#), essa variável teria sido apontada como a mais significativa no que diz respeito ao apagamento. [Schwindt e Chaves \(2019\)](#), por sua vez, analisam diversas obras, nas quais encontram-se resultados similares.

Tendo isso em vista, foram analisadas as realizações de /-r/ em verbos (n = 735) e não verbos (n = 2.231), na sua grande maioria substantivos (n = 1677). A proporção de velares e a proporção de apagamentos se mostraram significativamente maiores nos verbos. Ainda assim, vale a pena notar que embora a ocorrência de apagamentos em verbos tenha aumentado, sua proporção continua bastante abaixo da observada em falantes cultos (cf. [Callou, Moraes e Leite, 1998](#)).

É sabido que a posição do /-r/ no vocábulo, medial ou final, é um fator determinante para a realização do segmento. [Callou, Moraes e Leite \(1996\)](#), por exemplo, analisaram dados dos anos 1970, do Projeto NURC, contrapondo-os a dados dos anos 1990. Os autores observaram uma tendência de aumento do apagamento, especialmente em posição final, além do aumento das realizações aspiradas em contexto medial, em detrimento das realizações como fricativa velar.

Essa tendência também foi observada no JN21, com 13% de apagamentos em posição final em oposição a menos de 0,5% em posição medial. No entanto, como mencionado acima, vemos um nível muito mais baixo de apagamentos do que o observado por [Callou, Moraes e Leite \(1996\)](#). As ocorrências observadas no JN, tanto em posição final, quanto em posição medial, foram predominantemente aspiradas. Mesmo em posição final, a proporção de realização de apagamentos foi significativamente menor à de realizações velares, que totalizou 25% dos casos.

Na análise das editorias, destacou-se o maior índice de realizações velares na em uma edição específica do JN, na qual Bonner é entrevistado em uma comemoração relacionada ao cinquentenário do telejornal. Ainda que fosse equivocado elaborar generalizações sobre as formas utilizadas pelo âncora com base nessa única edição, a observação dessa mudança na fala indica que a realização de um estudo comparativo entre o material analisado aqui e gravações de Bonner fora do JN, poderia render resultados interessantes.

Foram elaborados modelos de regressão logística multivariada utilizando a função “lrm” no R ([R Core Team, 2020](#)). No melhor modelo construído, foram utilizadas variáveis mais abrangentes, visando reduzir o número de iterações necessárias para a convergência. Seguiu-se a seguinte fórmula: VD TRECHO + POSICAO.R + CLASSE.MORFOLOGICA2 (verbo/não-verbo) + CONT.FON.SEG3 (pausa/oclusiva sonora/oclusiva surda/líquidas/nasais/sSzZ) + CONT.FON.PREC3 (vogal anterior/posterior) + PERIODO (2000-2008/2009-2019). Esse modelo teve índice C = 0.756 e confirmou a significância de todas as variáveis inseridas.

Levando em conta a alteração súbita na realização do /-r/ após 2008 como um indício de que houve um processo explícito e consciente de modificação do modo de falar, parece válido afirmar que o Projeto de Língua Falada teve impacto direto nas formas utilizadas por Bonner. Assim, pode-se cogitar que há, em andamento, uma mudança nos significados sociais atribuídos às formas linguísticas utilizadas.

Diante o prestígio do telejornal, e seu status como exemplo de fala padrão, não parece incorreto afirmar que ao modificar seus usos, o Jornal Nacional modifica os

significados sociais correspondentes a esses usos, bem como os significados das formas que poderiam ser utilizadas, mas não são. Coupland (2007) atenta para esse poder que as instituições midiáticas detêm.

O privilégio do uso de determinada forma em detrimento de outra indicaria uma tendência de mudança no padrão de língua visado pela emissora. Esses ideais linguísticos, por sua vez, podem ser considerados como elementos atuantes no processo padronizador. As atitudes linguísticas pautadas por esses ideais seriam responsáveis não só por modificar e estabelecer um padrão linguístico, mas também por modificar o discurso sobre as formas tidas como padrão e sobre o processo de padronização em si (Pagotto, Comunicação Pessoal). Esses discursos e formas – imbuídas de significado social – incidiriam, afinal, sobre a comunidade linguística e seus membros, impactando os usos e as idealizações (socio)linguísticas no cotidiano.

É interessante observar que as mudanças pleiteadas no jornal não têm como alvo primário as formas linguísticas, por si só, mas os significados sociais que podem ser expressos por essas formas. O discurso do Projeto de Língua Falada não é em prol de um /-s/ “menos chiado” ou de consoantes mais articuladas, mas sim de telejornais mais “conversados” e “coloquiais” (Castilho, Garcia e Almeida, 2015).

Ao apontar uma direção conceitual, a direção de jornalismo lida com significados já estabelecidos, mas também produz novos significados. De certo modo, os telejornais parecem ocupar um lugar paradoxal no jogo linguístico. Ainda que sejam instâncias de poder reconhecido e que sirvam de baliza para a comunidade linguística, junto com o seu poder vem a necessidade de conservação do poder. No caso da imprensa, isso implica na importância do público, de quem é esperada uma contínua legitimação, garantindo credibilidade. Na televisão, essa credibilidade acaba por se refletir nos níveis de audiência, responsável por garantir retorno financeiro às emissoras. A mídia televisiva, portanto, mostra-se dependente do público, parcela da sociedade com uma voz menos audível, mas determinante na elaboração dos programas. Assim, o funcionamento televisivo poderia ser visto como uma espécie de reflexo de forças sociais normalmente ocultas, que guiam a opinião pública e que se cristalizam nos comportamentos e práticas sociais.

A priori, poderia soar estranho, uma instância de prestígio buscando um padrão mais próximo das variedades populares, diminuindo, de certo modo, a desigualdade linguística. No entanto, considerando o modelo comercial dos telejornais, especialmente nos tempos atuais, em que o conteúdo televisivo disputa espaço com o conteúdo da internet e das redes sociais, podemos compreender melhor essa estratégia.

Diferentemente do material televisivo, o conteúdo acessado nas redes sociais é muitas vezes produzido pelos pares dos destinatários, potencialmente ocupantes de um lugar hierarquicamente equivalente ao dos interlocutores. Com a disseminação e a abertura dos meios de comunicação, o sujeito passa a ter acesso a conteúdos mais especificamente relacionados com a sua realidade social. Além disso, esse material é muitas vezes elaborado utilizando formas mais familiares para o destinatário, similares às que ele mesmo utiliza fora dos espaços virtuais, no seu dia-a-dia.

Nesses sentidos, a distinção entre o que se tinha como comunicação informal e como comunicação formal parece se tornar menos clara. Assim, a produção de conteúdo pelas instâncias historicamente bem posicionadas na hierarquia social – tanto no que diz respeito à credibilidade quanto ao poder de disseminação de informações – parece ser coagida a se adequar.

O aumento da realização de apagamentos parece estar de acordo com tendências previamente observadas. No entanto, possivelmente por uma questão de saliência fônica e de saturação de significados nas formas, observa-se um descompasso entre a fala cotidiana e a fala televisiva. A mudança linguística nesse meio parece ser mais controlada e mais súbita do que na fala habitual, funcionando mais como uma adequação às tendências de prestígio no espaço social do que como uma mudança gradual, fruto dos usos, do contato e de adequações no sistema.

A redução da frequência da variante velar vista aqui, pode estar relacionada a seu baixo índice de prestígio. Tal forma pode ser considerada um estereótipo da fala carioca e teve seu uso condenado desde os primórdios do telejornal (Memória Globo, 2004). Em compensação, o aumento do apagamento deve estar ligado ao processo de neutralização do /-r/, especialmente em posição final e em verbos no infinitivo, bem como a diminuição dos valores negativos atribuídos ao seu uso nesses contextos.

Com essa pesquisa, conclui-se, também, que os padrões nos usos linguísticos não deixam de emergir na fala não vernácula. As complicações introduzidas na análise de uma fala mais sujeita à modificação e à influência de fatores sociais diversos, parecem poder ser contornadas através de uma melhor compreensão dessas forças e dos significados sociais determinantes para as práticas linguísticas e comportamentais.

Referências Bibliográficas

- Callou, D., Moraes, J.; Leite, Y. (1996). “Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil”. Em: *Gramática do português falado* 6, pp. 465–493.
- (1998). “Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real”. Em: *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* 14.
- Castilho, A. T. de, Garcia, M. T.; Almeida, V. P. de (2015). *A linguística e a mídia*. Texto apresentado no GEL 61.
- Coupland, N. (2007). *Style: Language Variation and Identity*. Cambridge University Press.
- Hornik, K. (2018). *R language and environment*. The Comprehensive R Archive Network. 2.1 What is R?
- Labov, W. (2008 [1972]). *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola.
- Memória Globo (2004). *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Oushiro, L. (2014). “Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística”. Em: ed. por Freitag, R. M. K. Blucher. Cap. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas.
- (2018). *silac: Transcritor fonológico do português*. Versão 0.5.1. URL: oushiro.shinyapps.io/dmsocio.
- R Core Team (2020). *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing. URL: <http://www.R-project.org/>.
- Schwindt, L. C.; Chaves, R. G. (2019). “Convergência de processos no apagamento de /r/ em português e espanhol”. Em: *Linguística* 35, pp. 129–147.
- Serra, C.; Callou, D. (2013). “A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades”. Em: *Textos selecionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 585–594.